

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E OS DESAFIOS PÓS- PANDEMIA: uma reflexão necessária

Edivânia do Carmo Ramos Oliveira<sup>1</sup>

Luciano Muniz Borges<sup>2</sup>

Lucas Eustáquio de Paiva Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** A pandemia do Covid-19 adoeceu o mundo e expôs outras comorbidades da sociedade pós-moderna, acentuando a polêmica em torno da educação de qualidade, que coloca em evidência a importância da educação básica na formação cidadã e crescimento de uma nação. Este estudo tem por objetivo refletir sobre a educação na primeira infância (de 0 a 6 anos) no Brasil pós-pandemia Covid-19, os principais problemas, a readaptação dos agentes escolares, as competências essenciais dessa fase escolar e o que esperar dos alunos e professores nesse novo cenário. Para tanto, discute-se os desafios da alfabetização e letramento na contemporaneidade. Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa de revisão bibliográfica para análise dos dados. Os resultados mostram que desafios e possibilidades são inúmeros, especialmente no que se refere à formação continuada dos professores que lidam com a educação básica. Espera-se que a discussão traga um despertar crítico sobre as mudanças necessárias nas políticas públicas, investindo, cada vez mais, na formação docente para atualização de métodos e estratégias que contribuam para superar a defasagem educacional acarretada pelo isolamento social na alfabetização brasileira.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Alfabetização e Letramento. Pós-Pandemia. Covid-19. Formação docente.

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 adoeceu e matou pessoas em todo mundo, e no Brasil não foi diferente. De repente, a humanidade percebeu que não adiantava muito seus avanços tecnológicos, se não estivermos atentos às questões relacionadas saúde. Foi assim, que o ano de 2020 se transformou em um marco histórico, onde muitas áreas da sociedade sucumbiram diante de um vírus invisível, mas real. Na era da modernidade, das inovações tecnológicas e da globalização, de repente, como num passe de mágica, a crise na saúde pública mundial estava instalada. (OPAS, 2020).

Vários setores foram afetados, especialmente a educação. De acordo com o IBGE (2020), “o fechamento das escolas afetou de forma considerável a qualidade do ensino, principalmente ao ensino destinado a crianças e jovens.”.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Famart. E-mail: edivaniaoliveira1976@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História e Mestre em Ciências Sociais.

<sup>3</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História. Mestre e doutor em Educação.

As estatísticas do IBGE, em julho de 2020, apontaram que a “cada 10 estudantes, apenas 7 executaram as atividades remotas.”. O que dificultou e muito o processo de aprendizagem e agravou problemas como o analfabetismo.

Não é exagero afirmar que a Covid-19 jogou luz sobre as “doenças sociais” que queríamos manter disfarçadas. Problemas como: a fome, a miséria e a precariedade da educação básica fizeram-se perceptíveis em nossos dias, especialmente, diante da retomada do ensino presencial em 2022. Foi aí que verificamos as marcas da pandemia.

As sequelas desse adoecimento global na educação tende a reverberar por anos e isso nos exige estratégias pontuais e assertivas. Mas, quais os maiores desafios encontrados dentro da comunidade escolar no retorno das aulas presenciais?

Essa é uma pergunta norteadora de muitos profissionais da educação. Isso porque a retomada do ensino presencial revelou muitas dificuldades de aprendizagem, como perda de contato da escola com as famílias e alunos; baixa alfabetização; baixa estima dos estudantes; déficit de leitura e escrita; apatia em sala de aula; desinteresse de alunos e, alguns casos, professores; dentre outros. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Muitos docentes que retornaram para as salas de aula estão enfrentando cenários assustadores de alunos que não conseguem cumprir tarefas simples, seguir comandos e orientações básicos. A maioria dos alunos não sabe ler e escrever corretamente, não só alunos das séries iniciais do ensino fundamental 1 (1º ao 5º ano), como também alunos do ensino fundamental 2 (6º ano 9º ano).

Diante do exposto, esse estudo se justifica numa tentativa de auxiliar o debate sobre alfabetização letramento de maneira a buscarmos intervenções intencionais que sinalizem possibilidades de trabalhos recalculando rotas em prol de uma educação curativa.

O objetivo central desse estudo é, portanto, levantar um debate de práticas pedagógicas que considerem os educandos e que visem de forma mais rápida sanar as deficiências do processo de ensino e aprendizagem ao longo dos últimos dois anos devido a Pandemia da Covid-19, enfocando a importância da educação continuada de professores para lidar com esse cenário.

## **2 OS IMPACTOS DA COVID-19 SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL PÓS-PANDEMIA**

A Educação Básica, certamente, foi uma das modalidades educacionais mais afetadas pelas implicações pós-pandemia Covid-19. Quiçá, seja possível afirmar que essa foi à modalidade mais afetada no segmento educação, já que estamos falando da base sobre a qual se constrói novos alicerces de conhecimento e formação do indivíduo.

Historicamente, a alfabetização no Brasil sempre esteve em meio a conceitos e métodos que são alterados, de acordo com as necessidades socioeconômicas de cada período histórico da sociedade. Por causa disso, “o processo de alfabetização foi entendido por muito tempo como a estrita capacidade de decifrar o código alfabético.” (MARINHO; FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022, p. 141). Em outras palavras, ler e escrever são processos muito mais complexos do que se possa aparentar.

Sob o crivo de Mortatti (2019, p. 28), “a história da alfabetização escolar tem sua face mais visível na questão dos métodos” aplicados nessa etapa. Especialmente, no final do século XIX, tivemos muitas disputas ideológicas entre as práticas “antigas” e as “novas” explicações “sobre as dificuldades das crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública brasileira”, conforme cita o autor.

No contexto pós-pandemia da educação do Brasil, observamos que,

A taxa de analfabetismo das crianças entre 6 e 7 anos, atingiu seu mais alto patamar no período pandêmico, considerando a escala de dez anos da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao apontar o aumento de 28,2% (2012) para 40,8% (2021) [...]. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Esse panorama da alfabetização evidencia que as séries iniciais (de 0 a 6 anos) foram fortemente afetadas. Quando conversamos com os professores que atuam nessa modalidade (alfabetizadores), notamos que essa parte da educação foi a mais prejudicada principalmente nos aspectos em torno da leitura e interpretação de textos. (MARINHO, FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022).

A atual conjuntura reafirma que o mundo mudou. Assim como a revolução industrial modificou a sociedade e a globalização que conectou o planeta, a pandemia da Covid-19 afetou drasticamente a sociedade moderna, de maneira especial o setor educacional dos países em desenvolvimento, como o Brasil. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Sob a perspectiva da professora Carlota Boto, diretora da Faculdade de Educação da USP, em entrevista ao programa de rádio USP, é imprescindível compreender que o período atual é, por si só, complicado.

Do ponto de vista histórico, a alfabetização requer uma atenção muito cuidadosa e presencial por parte do adulto que alfabetiza. Essas crianças podem ter tido mais dificuldade em relação ao procedimento de letramento. É necessário que haja a retomada dos processos. Além de ensinar conteúdos escolares, é necessário cuidar da criança. Nós temos que lembrar que existem órfãos da pandemia, essas crianças perderam familiares e ouvem os seus pais comentando das perdas. Então, é fundamental que a escola trabalhe essa realidade no seu interior, porque as crianças também precisam compreender o que se passa. [...]. O tema da “perda” precisa ser trabalhado no contexto de sala de aula, porque estas crianças estão crescendo no cenário de perdas constantes. (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Para a professora Boto, dois anos de pandemia foram suficientes para enfermar ainda mais a educação brasileira. Embora a sociedade fale da volta à vida normal, o cenário é de incertezas em todas as esferas da sociedade. “Mudanças expressivas chegaram; o EAD não é mais uma alternativa de ensino, mas sim, uma dura realidade, que quase ninguém sabia lidar com ela.”. E, na verdade, nos dias de hoje, ainda não sabemos.

O ano de 2022 marcou a retomada das atividades presenciais, seja no comércio, no turismo; nas escolas, dentre outros setores. A flexibilização das medidas sanitárias trouxe de volta as dinâmicas do período anterior à Covid-19, restam muitos resquícios, sobretudo para crianças que passam pelo período de alfabetização.

Diante dessa perspectiva, Marinho, Santos e Teixeira (2022) afirmam que a leitura de mundo e da sua própria realidade é um reforço para o letramento escrito promover a transformação do educando.

“Convém destacar que a BNCC, documento responsável pela descrição de competências e habilidades por área de conhecimento, orienta que o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental deve ser a alfabetização.” (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022, p.142). Segundo os autores, as deficiências encontradas em sala de aula, no pós-pandemia, por muitos professores são preocupantes, uma vez que, é nessa etapa (de alfabetização e letramento) que as crianças devem desenvolver a habilidade de ler o mundo em suas múltiplas dimensões dentro do espaço social.

É importante destacar que a escola se coloca como mediadora entre a família e a vida social do aluno. Daí a importância da alfabetização se efetivar dentro de um ambiente alfabetizador adequado, que permita também o letramento, enquanto habilidade de ler e

compreender o espaço social e o mundo de forma geral, a partir de uma aprendizagem significativa (UNICEF, 2022).

Para Carlota Boto, nisso está o grande embate da educação alfabetizadora e a pandemia. “No momento em que essa criança deixa de ir para a escola, ela fica imersa no seio da família e isso não é necessariamente positivo, ela perde a oportunidade do contato com o outro, com o diferente, e esse contato é fundamental” (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Sabemos que durante a pandemia, um grande número de crianças foi privado do acesso ao espaço alfabetizador adequado e de mediações apropriadas feitas pelos profissionais alfabetizadores, devido à obrigatoriedade do isolamento social. A substituição das trocas de aprendizagem presenciais, tão necessária nessa etapa de vida da criança com seus pares, causaram danos significativos para o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022).

Como “letramento e alfabetização caracterizam-se como processos interdependentes e indissociáveis na aprendizagem do discente e estas concepções precisam ser muito bem compreendidas pelos professores alfabetizadores” (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022, p. 143), para desenvolvimento dos seus métodos didáticos. Logo, podemos dizer que:

[...] alfabetizar com método. Entendendo a palavra método, meta + hodós = caminho em direção a um fim, considera-se que o fim é a criança alfabetizada, o caminho é o ensino e aprendizagem das várias facetas, por meio de procedimentos adequados a cada uma delas – os procedimentos desenvolvidos de forma integrada e simultânea constituem o alfabetizar com método. (SOARES, 2016, p. 333).

Dentre tantos problemas, a pandemia ratificou que há um novo tipo de exclusão em nosso meio, a exclusão digital, que limita o acesso das comunidades mais pobres aos conteúdos liberados na internet. Embora, a virtualização seja uma realidade que veio para ficar, não podemos desconsiderar os problemas em torno da sua democratização. (MARTINS, 2021).

Sobrevivemos ao vírus, mas suas sequelas permanecem entranhadas na sociedade. Principalmente, quando pensamos que o contato presencial traz oportunidades de intervenções que acolhe os educandos de modo particular, ainda que, na coletividade. (MARTINS, 2021).

A leitura e a escrita exigem reflexões, discussões, envolvimento com a realidade cotidiana e isso ficou comprometido pelo isolamento e suas questões como medo e inseguranças variadas.

Cabe destacar que as famílias também não estavam preparadas para conduzir essa aquisição de conceitos; de ressignificar a educação. O que do ponto de vista pedagógico, é percebido com temor por muitos de nós professores. (MARTINS, 2021).

## **2.1 Os desafios da alfabetização contemporânea no contexto pós-pandemia Covid-19**

Há muito, Magda Soares (2016), professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e investigadora ferrenha na área da educação, nos predizia sobre a necessidade de mudanças e adequações aos novos contextos. Para ela, “adaptar-se a algo é perceber uma determinada necessidade ou obrigatoriedade e flexibilizar.” (SOARES, 2016, p. 15).

Sabemos que nem sempre uma adaptação a novos modelos e preceitos é fácil, mas, certamente, é necessária para promover a nossa evolução como indivíduos e sociedade. Ainda sobre o crivo da professora, é importante lembrar que a trajetória das concepções de alfabetização, sempre marcada por muitos desafios, pode ser sintetizada em duas fases: uma de método sem teoria (dimensão fonológica) e a outra de teoria sem método (dimensão gráfica). Nessa direção, a autora romper com os modelos tecnicistas quando propõe a integração dos processos que lidam com aquisição da fala e escrita (SOARES, 2020).

Em seu livro “Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever”, Soares chama a atenção sobre a necessidade de revisitar os conceitos da Psicologia sociocultural, apresentados por Vygotsky (1896 - 1934), que tratam dos processos em torno do desenvolvimento humano e a aprendizagem, especialmente a alfabetização de crianças.

Os avanços trazidos pela autora, ao propor uma articulação entre a alfabetização e o letramento, mostra a importância de equilibrar áreas de diferentes saberes, entendendo que eles não divergem entre si, mas se completam.

Extraímos para a nossa reflexão a urgência de que os profissionais que lidam com educação, sobretudo alfabetizadores, entendam os novos tempos e as necessidades dos seres, buscando a formação continuada para aprimorar seu trato com a nova realidade.

Afinal, não pode negar que:

a construção de saberes alfabetizador dentro do processo pedagógico é responsabilidade do professor, e essa **construção didática exige capacitação** para que sob diferentes perspectivas e interações os educandos consigam criar estratégias e hipóteses reconhecendo o sistema alfabético e as diversas formas de escrita que existem como possibilidades formativas desse novo leitor. (SOARES, 2016, p. 26 – grifo nosso)

Logo, inferimos que um professor precisa se atualizar sempre para que a educação venha ser de qualidade e que ela se efetive no Brasil.

Marinho; Santos e Teixeira (2022) reforçam essa ideia ao afirmarem que “as escolas são organismos vivos e que interagem com o meio, por isso, devem ter atenção total sobre o que acontece no ambiente externo”, para melhor atender a demanda dos sujeitos que nela atuam (alunos, professores e comunidade local). Isso comprova, mais uma vez, a importância da formação continuada independente do contexto. Assim como, no passado, os processos educacionais tiveram que se adaptar às mudanças da revolução industrial e a chegada da internet; agora, os agentes escolares precisam habituar-se ao contexto pós-pandemia. (MARTINS, 2021).

Vale ressaltar que as mudanças de paradigmas educacionais não é algo novo. Para Dias e Pinto (2020, p.111), há muito tempo que “a aula expositiva vem dando lugar a processos mais dinâmicos e interativos [...]”. Ele segue explicando que “isso resulta do mundo conectado à internet, que agora está na palma das mãos.”. (p.111). Ou seja, o conhecimento está em todo lugar, o desafio, agora, é transformar informação em fonte de conhecimento.

Assim, chegamos a 2022, sem grandes surpresas. Dois anos de pandemia seria a forma modeladora para novos contextos. Isto é, prelúdios das dificuldades de aprendizagem que hoje são sentidas na sala de aula. Sem dúvida, a falta de um padrão orientador, investimentos de capacitação e políticas públicas que incentivem a atualização dos docentes agravaram o processo (DIAS; PINTO, 2020).

Para tornar mais complexa a situação, no Brasil, esse cenário pós-pandêmico recai em ano eleitoral. O que acaba tirando o foco dos problemas, minimizando as discussões a respeito dos desafios da educação, já que a pauta formativa é substituída pelas urnas eleitorais. Em meio aos ataques e discussões dos candidatos, o país pouco assistiu às propostas de mudanças efetivas para a educação brasileira. Projetos que focalizem na expansão e melhoria do cenário atual. Ao contrário, vimos cortes de recursos, aumento de custo salarial dos altos escalões dos três poderes de governo, dentre outras prioridades.

Enquanto isso, as escolas, de modo especial às públicas, seguem recebendo crianças de todos os níveis de conhecimento (e defasagem) em uma mesma sala de aula.

Outro problema importante a relatar é a superlotação das salas de aulas. Além de toda a escassez própria das escolas públicas, de recursos e pessoal, lidamos, na contemporaneidade, com espaços abarrotados e turmas mistas - com desenvolvimentos diferenciados. Os professores, por vezes, sem ajuda extra de pessoal nem estímulos financeiros, têm que apresentar resultados para os Estados e para as famílias.

É por isso, que cremos ser relevante essa discussão. Capacitar àqueles (professores) que se encontram à frente desse trabalho formativo, que geram criticidade na nação. Homens e mulheres que lidam diariamente com a formação de pessoas, tornando-os aptos a crescer para promover trocas construtivas.

Diante disso, se “acreditamos que a educação exerce forte influência nas transformações da sociedade, então, acreditamos que ela reforça a capacidade crítica do indivíduo e atesta o grau de desenvolvimento da sociedade” (DIAS; PINTO, 2020, p. 552).

## **2.2 A formação continuada: um socorro curativo na rota de uma aprendizagem alfabetizadora significativa**

Como vimos anteriormente, o processo de alfabetização, no Brasil, sempre foi algo desafiador. Depois do ensino remoto, o desafio cresceu, porque aumentaram as desigualdades e as vulnerabilidades econômicas que foram impedimentos para uma aprendizagem, minimamente, adequadas. Com isso, refletir sobre a importância da formação docente adequada, que capacite profissionais para lidar com as situações diversas (positivas e negativas) nas salas de aula da alfabetização de crianças no Brasil, é essencial para minimizar os efeitos colaterais da educação, que vem só se agravando desse o adoecimento social devido à pandemia. (MARTINS, 2021).

“Ressignificar práticas e adaptar-se ao novo cenário do século XXI é sim uma meta a ser alcançada pelos profissionais professores na retomada das atividades pós-pandemia”, (MARINHO; SOARES; TEIXEIRA, 2022, p.145). Nesse contexto, recebemos nas salas de aula milhares de crianças que estavam adentrando no ciclo de alfabetização e que foram privadas do acesso a um espaço alfabetizador adequado, bem como o acompanhamento de um profissional qualificado para estimular o seu desenvolvimento. Muitas dessas crianças foram ensinadas por famílias, sem muita instrução e até mesmo sem recursos didáticos.



Algumas, as mais carentes sequer tiveram qualquer assistência, pois muitas ficavam em casa sozinhas, enquanto seus pais precisavam sair e trabalhar (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

As deficiências alfabetizadoras aparecem quando as crianças não são alfabetizadas na idade adequada. Assim, prevemos que as reprovações e déficits nas aprendizagens tendem a ser acentuados. Num efeito cascata e acumulativo, a tendência é piorar cada vez mais, se a devidas intervenções de rota não acontecerem, em tempo hábil, de forma curativa. Criando, assim, um cenário desfavorável para o aluno, pois a educação se estabelece quando há oportunidade de crescimento e desenvolvimento adequados. (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

A necessidade adaptativa das escolas no período pandêmico pode servir de amparo para que os professores compreendam esse aluno e suas múltiplas realidades, um problema bem mais antigo que a pandemia da Covid-19. Como agente facilitador da aprendizagem, o professor precisa compreender o dinamismo social e as urgências preparativas de suas classes para que haja um trabalho planejado e organizado, com intervenções pontuais, conforme expos Carlota Boto em entrevista a Rádio USP. (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Nessa perspectiva, a formação continuada entra como uma luz no cenário caótico atual. Ela precisa dotar o professor de instrumentos adequados para interpretar situações complexas, como a que vivemos nesse século XXI. Ela precisa, ainda, capacitar pessoas para lidar com o mundo informatizado e altamente conectado pelas tecnologias. É assim, que vamos vencendo, gradativamente, uma crise sanitária sem precedentes, que exige readequar a sociedade como um todo (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

Como visto anteriormente, o isolamento social tirou as oportunidades de interações entre alunos e professores, o que é fundamental para estimular mudanças e desenvolvimento do ser. Por causa disso, a postura do professor precisa ser estratégica e sensível (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Na sala de aula pós-pandemia, não adianta dominar teorias e compreender o desenvolvimento cognitivo das crianças, se não houver preparo profissional e muita flexibilidade. Conhecimento, atitude, mudança de métodos, boa vontade e saúde mental, são alguns dos novos ingredientes que vão compor a receita do ambiente escolar pós-moderno. Dessa forma, é preciso estímulo e empenho para fazer as aplicações adequadas

dos conteúdos escolares, de modo que, essas estimulem um avanço pedagógico assertivo. (DIAS, PINTO, 2020).

No que tange a primeira infância, não se pode perder de vista que “o processo de construção é contínuo, portanto, o fazer-se docente é precisa ser ressignificado, refletido diariamente” (MAINARDES, 2021). De outra parte, sabemos que a ausência de interação escolar gera dificuldades relacionais. Sabemos também que estas são de suma importância para promover a aprendizagem colaborativa, sobretudo, “no processo de aquisição da leitura e da escrita em que o aprendizado compartilhado, a partir da heterogeneidade dos educandos, faz com que uns aprendam com os outros, propiciando uma melhor desenvoltura dos sujeitos” (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021, 2021, p.5).

De acordo com Victor Santos (2022), do site Nova Escola, existem possibilidades de mudar esse quadro e impulsionar essa alfabetização sendo necessário recalcular a rota e identificar os pontos mais frágeis desse processo, para que se construam intervenções corretas. Como disseram professoras dos 2º e dos 3º anos das séries iniciais, é preciso focar no que é urgente e importante, a partir de percepções e reflexões, de acordo com as competências e habilidades que foram negligenciadas durante o ensino remoto e, assim, vir reparando, trazendo cura para essa situação.

Fica claro que não há, não houve e nunca haverá a tão sonhada heterogeneidade em turmas da Educação Básica, em especial na rede pública de ensino, sem grandes sequelas no meio. Essa conscientização exige estratégias diversas e plurais desse professor, já que é ele que tem contato direto com as crianças nas salas de aula. (NOVA ESCOLA, 2022).

Diante do exposto, vemos que as aprendizagens alfabetizadoras exigem muito além que sondagens sistêmicas, uma vez que precisamos criar materiais que melhorem essa aprendizagem da melhor forma possível. É preciso, ainda, que esse professor conheça a BNCC e os diálogos possíveis que cada área faz entre si, contribuindo, assim, para a vinculação de conceitos e competências, que respeitem esse cenário adverso. Só assim, ele pode convidar o aluno para uma aprendizagem mais participativa e significativa, de fato. (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021, 2021, p.5).

Outro aspecto importante a abordar é considerar o desenvolvimento de atividades inclusivas com ações estratégicas que ajudem o processo de socialização e ampliem a percepção de situações alfabetizadoras no cotidiano com iniciativas investigativas, principalmente da língua portuguesa dada suas complexidades padrão. (NOVA ESCOLA, 2022).

Isso reforça mais uma vez a importância de que se tenha uma preparação (e atualização) para essa função de mediadores dos saberes. O professor precisa ser incentivado e aprimorado. (MAINARDES, 2021)

Os saberes pedagógicos e a docência (como um todo) precisam romper com essa ideia romantizada de missão, ainda que seja bonito falar e fazer. Para o professor de carreira, para além da missão, isso é um ofício sério; e como tal, deve ser mais bem compreendido pelos que a ele praticam, para que, posteriormente, repassemos isso à sociedade e possam viver o reconhecimento correto.

Em síntese, podemos dizer que o ofício docente precisa ser refletido por si mesmo. Ele exige que o professor se confronte, se reconstrua em suas convicções.

Além de buscar por conhecimentos formais, **compreende-se que a formação continuada representa uma ação que busca a tomada de consciência de sua práxis**, da própria atividade pedagógica. Este processo de contínua atualização e aperfeiçoamento garante segurança ao professor e permite-lhe visualizar novas perspectivas na sua atuação. (MARINHO, FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022, p.151 – grifo nosso).

Os saberes pedagógicos direcionam e dinamizam as relações dos educandos, assim ao buscar qualificação e se preparar para as novas contextualizações sociais o professor mostra respeito para com seus alunos e para consigo. Principalmente, na alfabetização e no letramento, visto que ao atrelar seu trabalho a uma constante capacitação promovem na educação básica reflexões sobre seu valor, suas concepções, sendo essa a primeira etapa formativa e dinâmica essencial para as que virão futuramente. (MAINARDES, 2021)

Diante dos contextos vividos, bom senso e equilíbrio fazem toda diferença, assim como a necessidade de ponderar se é importante regredir, em algum aspecto e momentaneamente, para, posteriormente, conseguir avançar. Tudo isso, por meio de planejamentos sistematizados, com objetividade, de modo que levem os estudantes a uma formação significativa dentro da ambiência de uma aprendizagem mais saudável e motivadora, onde ensinar e educar caminhe junto, possibilitando recriar tempos escolares e as relações. (MAINARDES, 2021)

Fazer desse retrocesso inevitável à oportunidade de uma educação mais integral e motivadora para os novos tempos que se apresentam diante de nós.

Averiguar os desafios que foram e são enfrentados no processo de alfabetização pós-pandemia representa a necessidade de metodologias que se complementam para essa perspectiva informacional do século XXI, novas reflexões e a superação de teorias

estáticas que se refazem conforme a nova realidade principalmente no que diz respeito às leituras (PRAXEDES, DOS SANTOS, DE ARAÚJO, 2022).

O professor alfabetizador precisa ser intencional e isso é compreendido nas capacitações e novos suportes técnicos para que sua atuação em ambientes virtuais e mistos dê segurança para esse novo aluno. Isso porque é função da alfabetização promover diálogos entre o novo e o passado (PRAXEDES; SANTOS; ARAÚJO, 2022).

É função de a alfabetização promover autonomia e criatividade a partir de alinhamentos e adequações a cada nova aula. Determinando rotinas e estruturando recursos adequados numa rotina organizada (PRAXEDES; SANTOS; ARAÚJO, 2022). Os autores ainda afirmam que essas intervenções são aprendidas e reconfiguradas quando há empenho aliado à experiência, para que o sucesso escolar se efetive o que justificaria nossas propostas de ampliar o processo formativo com cursos e aprofundar os conhecimentos dos docentes que transmitem o conhecimento as crianças nas escolas atuais.

### **3 CONCLUSÃO**

No tocante ao estudo realizado, concluímos que a Alfabetização e o Letramento foram afetados de forma significativa em sua qualidade devido ao isolamento social obrigatório.

Sendo essa uma etapa importante do processo formativo e acadêmico dos sujeitos, já que a Educação Básica alicerça as demais etapas educativas é preciso que os estudiosos da educação atentem em suas reflexões de modo a instituir intervenções curativas dessa que é uma sangria educacional no Brasil contemporâneo.

Notadamente, transformar a educação básica exige empenho e capacitação dos educadores. Não há como buscar culpados. O movimento necessário a ser feito é um trabalho que exige acolhimento, sensibilidade e posicionamento.

Se antes tínhamos uma crença de que é o professor quem tem em suas mãos a habilidade necessária de conduzir os alunos aos novos conhecimentos e validar as aprendizagens. Agora temos certeza! A pandemia tornou isso mais evidente, quando a ausência de um mediador de aprendizagem preparado fez com que inúmeros problemas, fossem identificados no retorno das aulas presenciais, e isso é algo sério que exige aprofundamento e pesquisa.

Nessa retomada do ensino presencial, em 2022, verificamos que as sequelas desse adoecimento global na educação tende a reverberar por anos e isso nos exige estratégias pontuais e assertivas criadas por profissionais capacitados e comprometidos com seu fazer pedagógico.

Muitos de nossos alunos não sabem ler e escrever, nas duas etapas do ensino fundamental, portanto é preciso que assumamos nossa responsabilidade e a partir das identificações desse adoecimento na aprendizagem busquemos por práticas que facilitem um trabalho coletivo e curativo.

## REFERÊNCIAS

DIAS, Érika; PINTO, Fátima C. F.. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2020, v. 28, n. 108, p. 545-554. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MARINHO, Danielle C.; SANTOS, Fernanda S.; TEIXEIRA, Cenidalva M. S.. Impactos da COVID-19 na alfabetização: uma reflexão sobre os contributos da formação continuada de professores alfabetizadores. **Conjecturas**, v. 22, n. 14, p. 139-153, 2022. Disponível em: <<http://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1773/1306>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempos de pandemia. *In.*: CONSTANT, E. (org.). **Políticas e Práticas de Alfabetização (livro eletrônico):** perspectivas autorais e contextuais. Rio de Janeiro: VW, 2021. [Vários organizadores]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/541010142/Ebook-FEARJ>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

MARTINS, Arthur T.. **Uma Reflexão Sobre os Planos de Estudos Tutorados da Rede Estadual de Minas Gerais [manuscrito]:** PET's da Educação Infantil. 2021. Disponível em: <[https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3322/1/MONOGRAFIA\\_UmaReflex%C3%A3oSobre.pdf](https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3322/1/MONOGRAFIA_UmaReflex%C3%A3oSobre.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2022.

NOVA ESCOLA. **Alfabetização no 2º e 3º anos do fundamental: estratégias para o cenário atual.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21190/alfabetizacao-no-2-e-3-anos-do-fundamental-estrategias-para-o-cenario-atual>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PRAXEDES, J. G. .; SANTOS , C. D. M. dos .; ARAÚJO, R. N. de . . Práticas alfabetizadoras pós-pandemia: relato de intervenções. **Colóquios - Geplage - PPGED - CNPq**, [S. l.], n. 3, p. p. 276-283, 2022. Disponível em: <<https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1043>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ENFRENTA DESAFIOS APÓS PANDEMIA. Entrevista concedida a Roxane Ré. **Jornal da USP no Ar**, 1ª ed., Rádio USP,. v. [s.i.], n. [s.i.], p.[s.i.], out, 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=572422>> Acesso em: 20 dez. 2022

QUEIROZ, M. de; SOUSA, F. G. A. de; PAULA, G. Q. de. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–9, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/6057>>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica: Impactos da pandemia na alfabetização de crianças**, 2021. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>>. Acesso em 26 dez. 2022.

UNICEF- Covid-19: **Extensão da perda na educação no mundo é grave, e é preciso agir para garantir o direito à Educação, alerta**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-extensao-da-perda-na-educacao-no-mundo-e-grave>>. Acesso em: 20 out. 2022.